



OS TEIXEIRAS
OS CABEÇUDOS DAS
PROFUNDEZAS

OS TEIXEIRAS

OS CABEÇUDOS DAS PROFUNDEZAS

Os Teixeira são uma família de mergulhadores com várias gerações de elementos de diferentes núcleos familiares. Utilizaram o escafandro como equipamento de mergulho, sendo o ar fornecido por bombas manuais que captavam o ar atmosférico e o pressurizavam. Este equipamento foi utilizado desde o início do século XX até aos anos 70 do mesmo século, num tipo de mergulho conhecido como “mergulho clássico”. No meio, era comum apelidar os mergulhadores de “pés de chumbo”, devido às botas de sola de chumbo, ou “cabeçudos”, devido aos capacetes de grande dimensão.

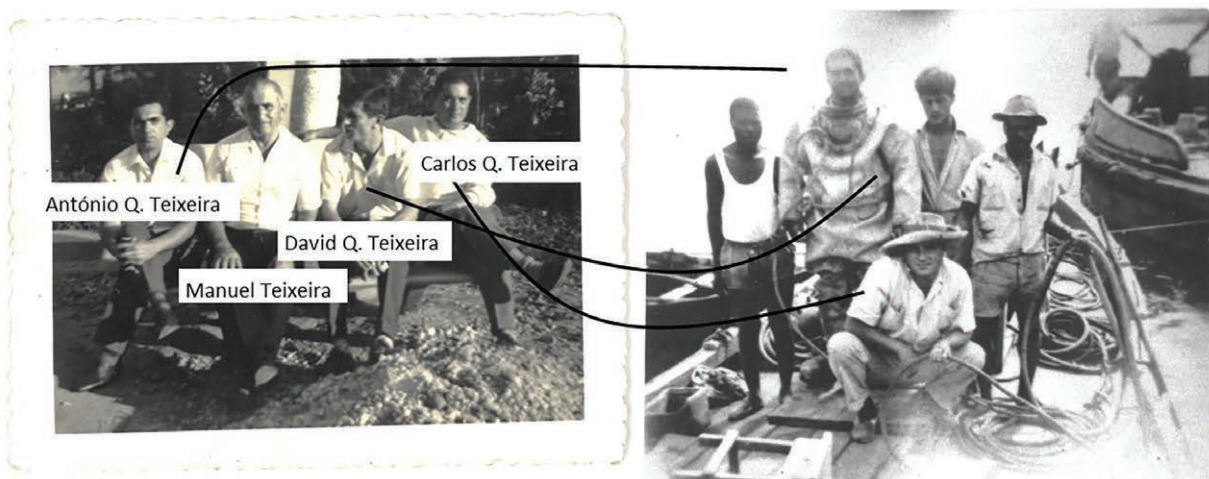
A DOAÇÃO DO ESCAFANDRO AUTÓNOMO D’OS TEIXEIRAS

Os irmãos Quesado Teixeira doaram duas bombas de mergulho, um capacete e um peitoral da marca inglesa Siebe, Gorman & Company Ltd., bem como umas botas sem qualquer referência ao fabricante e o livro Manual do Mergulhador, editado pelo Ministério da Marinha em 1934, que tinham pertencido ao seu pai, António Teixeira. O capacete e o peitoral (de doze parafusos) são de 1947. As diferentes peças que constituem o capacete e o peitoral são originais e com o mesmo número de série: 17239. Apresentam a singularidade de, em algum momento, terem sido submetidos a um banho de estanho, o que lhes confere uma característica única. A bomba de um pistão está datada de 1946 e a de dois pistões no intervalo de 1935 a 1938. Ambas foram pintadas e já não possuem a sua cor original; faltam-lhes as manivelas para as pôr em ação. As botas, sem referência ao fabricante e possivelmente de fabrico local, têm a particularidade de ter a sola em aço.

A doação ocorreu em 2020, tendo sido promovida pelo professor Ricardo Carvalhido, que, à data, era Vereador na autarquia, com os pelouros do Ambiente e da Biodiversidade, Ciência, Inovação, Conhecimento e Projetos Educativos. O acordo foi assinado pelo representante dos herdeiros de António Quesado Teixeira, António Luís Rodrigues Teixeira, e pelo presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo, Eng. José Maria da Cunha Costa. Os irmãos permitiram também o acesso a fotografias, documentos e ao registo áudio do testemunho de Maria das Dores Quesado Teixeira, sua tia paterna. Disponibilizaram ainda o seu tempo para serem entrevistados e para partilharem recordações de acontecimentos marcantes. Participaram ativamente na recolha de informações não só sobre o seu pai, mas também sobre o seu avô, os seus tios e outros familiares.



Herculano Teixeira, por volta dos anos 50 do séc. XX - Foto dos herdeiros de Herculano Teixeira



À esquerda, o pai, Manuel Teixeira, com os filhos, Quesado Teixeira. À direita, os irmãos Quesado Teixeira, em Angola – Foto dos herdeiros de António Quesado Teixeira

A FAMÍLIA QUESADO TEIXEIRA

Segundo o testemunho de Mário Teixeira, o seu pai, António Quesado Teixeira, que era carpinteiro de profissão, terá iniciado a atividade de mergulho no Arsenal de Alfeite da Marinha Portuguesa, que fica entre os concelhos de Almada e Seixal. Contudo, não dispomos de informação que sustente esta hipótese. O que é certo, é que o irmão David, também foi mergulhador e o irmão Carlos esteve igualmente ligado a esta atividade, que, apesar de muito arriscada, era melhor remunerada do que outras. Os Teixeiras, o pai Manuel e os filhos António, David e Carlos, exerceram a atividade de mergulho clássico profissional durante um período que vai aproximadamente dos anos 40 aos anos 70. A sua atividade foi mais intensa no Porto de Viana, durante cerca de 20 anos. Em Peniche (2 anos), no Porto e no estrangeiro: em Vigo (Espanha), Luanda (Angola) e em Cabo Verde (1 ano). As viagens eram constantes e as ausências, prolongadas. Estas operações eram realizadas a uma profundidade média e estavam relacionadas com obras em portos e barras, recuperação de objetos e reparação de estruturas, entre outras atividades. Os familiares contam que, em 1968, no porto de Angola, durante a recuperação de um objeto valioso caído ao mar, mergulharam a uma profundidade de 60 metros. A operação foi realizada pelo pai, Manuel, que já tinha 74 anos, numa atitude de proteção dos filhos.

É fácil imaginar o nervosismo e a aflição que se instalariam entre pai, filhos e irmãos, numa atividade com risco de morte ou de lesões físicas graves.

TESTEMUNHO DOS FILHOS DE ANTÓNIO QUESADO TEIXEIRA

Ficamos enternecidos e encantados com as pequenas histórias que Mário e Luís Teixeira nos contam, mas também receosos e amedrontados com os perigos inerentes às atividades, com as constantes deslocações e com o distanciamento do pai, dos tios e do avô.

Os irmãos recordam-se de, quando eram crianças, não reconhecerem o pai após uma ausência prolongada. Lembram-se também dos brinquedos pouco comuns ou inexistentes nas lojas de Viana do Castelo, como um triciclo de corda. Recordam-se igualmente dos objetos da Companhia Aérea Portuguesa TAP, como escovas de dentes ou bolsas da empresa.

As histórias são muitas: desde as cervejas que desciam com o mergulhador para serem bebidas em profundidade, até ao cadáver que afinal era um saco de cimento, ou à perda da ponta do dedo num acidente de trabalho. O pai respondeu aos filhos: “Não faz mal, é para os peixinhos comerem”.

A FAMÍLIA TEIXEIRA

Os Teixeira eram uma família de Perre ligada, como tantas outras, às atividades agrícolas. No entanto, alguns dos seus elementos acabaram por se especializar na carpintaria e, mais tarde, no mergulho comercial clássico. Segundo informações familiares, Francisco Teixeira terá sido mergulhador. Neste momento, sabemos apenas que foi jornaleiro, tal como sua mulher, de acordo com o assento de casamento de 1911, de António Teixeira. Neste documento, é referido que António Teixeira, com 20 anos, exercia a profissão de mergulhador, sendo, de acordo com a documentação disponível, o primeiro e mais antigo mergulhador da família Teixeira.

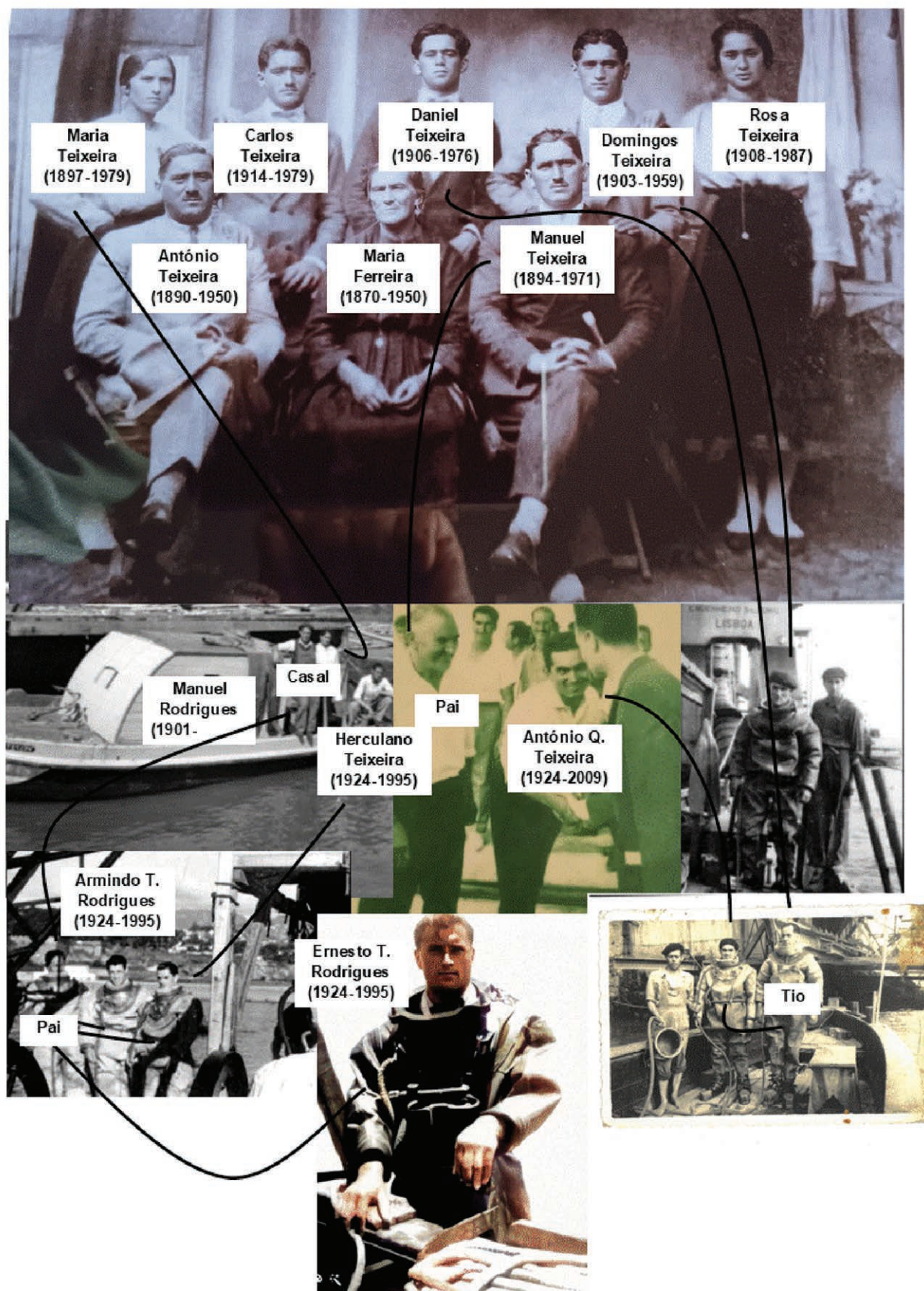


Foto montagem dos mergulhadores da família Teixeira – Fotos dos herdeiros de António Quesado Teixeira e de Herculano Teixeira



Capa da Revista "Ilustração Portuguesa", de 26 de setembro de 1910
- <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

Dispomos, neste momento, de documentos ou imagens que comprovam o exercício do mergulho profissional por parte de: António Teixeira, Carlos Teixeira, Daniel Teixeira, Domingos Teixeira e Manuel Teixeira, o que constituiu a primeira geração de mergulhadores da família Teixeira.



Cartão de visita de Ernesto Teixeira Rodrigues - Documento dos herdeiros de Herculano Teixeira

Os filhos de Manuel Teixeira: António e David Quesado Teixeira, bem como os filhos da sua irmã, Maria Teixeira, com o também mergulhador Manuel Rodrigues: Armindo Teixeira Rodrigues, Ernesto Teixeira Rodrigues e Herculano Teixeira, vão seguir a profissão dos seus pais e tios, formando a segunda geração de mergulhadores desta família.

Como já foi referido, os Teixeira exerceram a sua atividade um pouco por todo o país, dedicando-se sobretudo à atividade portuária, à quebra de rocha e ao assentamento de blocos na construção ou melhoramento de portos de mar, como os de Viana, Leixões, Funchal, Vigo e Peniche, bem como em Angola e Moçambique.

A família Teixeira Rodrigues testemunha a participação de elementos da família Teixeira em ações de mergulho relacionadas com naufrágios no Estreito de Gibraltar no pós-Segunda Guerra Mundial, provavelmente no desmantelamento de embarcações e na recuperação de equipamentos.

Em algumas situações, as famílias acompanhavam estes mergulhadores e alguns descendentes nasceram nos locais onde os pais trabalhavam.

Tabela sobre a contratação de elementos da família Teixeira em obras portuárias

ANO	LOCAL	MERGULHADOR
1954-1958	Barra de Viana	António Quesado Teixeira
1961	Matola, Lourenço Marques, Moçambique; Lobito, Macala, Angola	Ernesto Teixeira Rodrigues
1963	Moçambique	Herculano Teixeira
1972	Luanda, Angola	António Quesado Teixeira
1990	Olhão	Ernesto Teixeira Rodrigues

Capitanias	Nomes	Profissão	Classe
1	2	3	4
Ponta-Delgada . . .	Joaquim Martins Baptista Manuel de Medeiros Manuel Rodrigues	Mergulhadores	— — —
Pôrto.	António Ricardo da Silva Martins Fernando António de Almeida José Joaquim da Silva	Mergulhadores	— — —
Póvoa-de-Varzim.	Carlos Teixeira Zeferino José Moreira	Mergulhadores	3. ^a 3. ^a
S. Martinho do Porto	António Telo Parreira Cruz	Mergulhador	1. ^a
Viana-do-Castelo. .	Albino Meira	Mergulhadores	3. ^a
	Domingos Teixeira		3. ^a
	João Gonçalves Barros		3. ^a
	Joaquim do Rêgo Lopes		3. ^a
	José Fernandes		3. ^a
	José Francisco de Barros		3. ^a
	Luiz de Sá Oliveira		3. ^a
	Manuel Martins Soares		3. ^a
	Manuel Rodrigues		3. ^a
	Manuel Teixeira		3. ^a
Vila-do-Conde . . .	Albino Amorim de Matos	Guias de mergulhadores	—
	António Martins Viana		—
	Francisco Rodrigues Loureiro		—
	Leandro da Torre Bezerra		—
	Manuel Amorim de Matos		—
	Manuel Fernandes Vital		—
Vila-do-Conde . . .	Manuel Fernandes	Mergulhador e guia de mergulhador	3. ^a



Pormenor da Lista dos mergulhadores e dos guias mergulhadores inscritos nas diversas Capitanias (Decreto N.º 25: 592 de 5-7-1935) p.405, Lista dos Navios da Marinha Portuguesa, de 1 de janeiro de 1945, Ministério da Marinha, Junta Nacional da Marinha Mercante, Tip. Ramos Afonso & Moita L.da, Lisboa.

Nas imagens da esquerda para a direita Manuel Rodrigues (1901-1984), em Vila Franca de Xira, anos 50, Manuel Teixeira (1894-1971), por volta dos anos 60, Domingos Teixeira (1903-1959) em Lisboa, por volta dos anos 40 - Fotos dos herdeiros de António Quesado Teixeira e de Herculano Teixeira



Da direita para a esquerda: os irmãos Herculano Teixeira e Ernesto Teixeira Rodrigues em Lobito, Angola, no ano de 1956 - Foto dos herdeiros de Herculano Teixeira

A família Teixeira Rodrigues

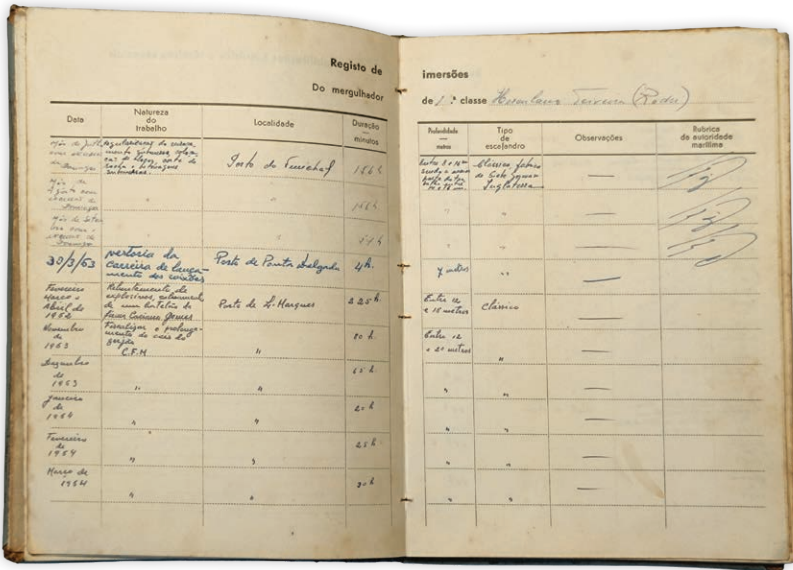
Maria Teixeira casou-se com Rodrigues Teixeira, que provavelmente seguiu a carreira de mergulhador profissional em escafandro clássico por influência dos irmãos dela. O casal teve três filhos: Armindo, Ernesto e Herculano. Tal como o pai, os primos e os tios, tornaram-se também mergulhadores clássicos e percorreram o país, o continente e as ilhas, bem como as colónias portuguesas, como Angola e Moçambique. A sua atividade profissional foi bastante intensa, como atestam os documentos e imagens cedidos pela família. A sua atividade foi sobretudo em obras portuárias, tendo-se especializado neste tipo de obras. Existem, no entanto, algumas exceções, como a participação dos mergulhadores Teixeira Rodrigues na construção da primeira ponte sobre o Tejo, na região de Lisboa, em Vila Franca de Xira, inaugurada em 1951.

Herculano Teixeira tornou-se mergulhador de primeira classe, no início dos anos 60, o que lhe permitiu atingir maiores profundidades (30 a 60 metros) e executar trabalhos mais complexos. Segundo testemunho da família os irmãos Armindo e Ernesto também se tornaram mergulhadores de primeira classe.

Na atualidade Luís Coelho Rodrigues, filho de Armindo Teixeira Rodrigues, e a viver em Setúbal, é o último descendente da família Teixeira a exercer a atividade de mergulhador profissional. Em 2024 prestava serviços de mergulhador para instalação de espaços de amarrações do Portinho da Arrábida e Galapos-Praias Verdes.



Certificado de Mergulhador de Herculano Teixeira, Caderneta Profissional de Mergulhador, DIREÇÃO DO SERVIÇO DE SUBMERSÍVEIS SERVIÇO DE MERGULHADORES E DE SALVAÇÃO, Ministério da Marinha | Documento dos herdeiros de Herculano Teixeira



TESTEMUNHO DOS FILHOS DE HERCULANO TEIXEIRA

Ernesto Teixeira Rodrigues, filho de Herculano Teixeira, descreve o acidente que ocorreu com o pai em Luanda, Angola, em 1975 quando este trabalhava como mergulhador. Ernesto era o guia de mergulho e era responsável pela segurança do pai na superfície. Encontravam-se numa pequena embarcação quando um cargueiro se aproximou, aparentemente sem os ver, apesar de estarem devidamente sinalizados com boias e bandeiras. Quando o navio se encontrava a cerca de 20 metros, Ernesto Rodrigues, em pânico, ligou ao pai e comunicou “pai está a vir um navio” e subiu rapidamente o pai, Herculano Teixeira, que saiu alguns metros acima da superfície, projetado como uma “rolha de champanhe”. Sem respeitar os tempos e as paragens de descompressão, “estava com o corpo cheio de bolhas” e foi logo para a câmara hiperbárica, onde esteve cerca de três horas e foi hospitalizado.

Américo Sobral, genro de Herculano Teixeira, testemunhou que Ernesto Teixeira Rodrigues lhe contou ter desmantelado um navio na Lisnave em praticamente dois meses, descrevendo a técnica que utilizava com o maçarico, aproximando-o o mais possível para garantir maior eficácia de corte “quanto mais encostado, melhor corta”. Segundo o mesmo, Ernesto Teixeira Rodrigues “cortou muitos navios”. A utilização do oxi-corte, mais conhecido por maçarico, é extremamente perigosa debaixo de água, devido à utilização de gases inflamáveis sob pressão, o que pode provocar uma explosão.

Os Teixeira Rodrigues efetuaram também várias operações navais, como a libertação das hélices de navios de carga e petroleiros, frequentemente presas por cabos, bem como diferentes tipos de operações de salvamento subaquático.

Quanto às dificuldades de mergulho, estas prendiam-se sobretudo com a falta de visibilidade, principalmente em rios ou na foz desses, causada pelo arrastamento de grandes quantidades de sedimentos. Apesar de mergulharem em mares com tubarões, segundo o testemunho de familiares, nunca se sentiram ameaçados, “não ligavam” e, por vezes, recorriam à explosão de pequenas cargas para os afastar, bem como a outros animais marinhos.

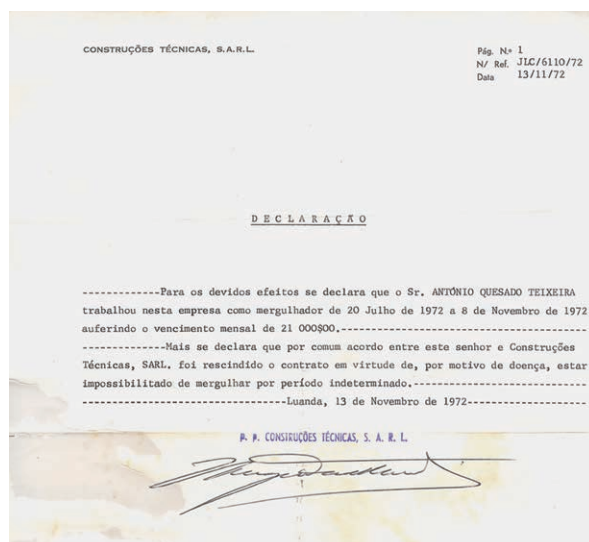


Domingos Teixeira operando oxi-corte, [s.d.], local desconhecido – Foto dos herdeiros de Domingos Teixeira

PROBLEMAS COM A PROFUNDIDADE E PRESSÃO

A chamada doença do mergulhador, resulta da alteração de gases, no sangue e nos tecidos humanos, do estado gasoso para o líquido, devido ao aumento da pressão. Quando se regressa a uma pressão mais baixa e atmosférica, eles regressam ao estado gasoso. Se o processo de descompressão for pausado, o organismo tem tempo de libertar esses gases. Se for muito repentino, esses gases acumulam-se, formando bolhas que se agrupam, dando origem a uma série de sintomas, podendo provocar a morte, por embolia.

Para salvar os mergulhadores destes incidentes ou para evitar o tempo debaixo de água com descompressões, criaram-se as câmaras hiperbáricas que simulam as diferentes pressões exercidas durante um mergulho.



Rescisão de contrato por motivo de doença de António Quesado Teixeira, com a empresa Construções Técnicas, SARL, Luanda 1972 | Documento dos herdeiros de António Quesado

Descrição de uma câmara hiperbárica, dos anos 30 do sec. XX, da marca Siebe and Gorman Ltda.

“A casa inglesa Siebe, Gorman fornece câmaras de recompressão de várias dimensões. O modelo mais usado é formado por cilindro de aço de 1m, 50 de diâmetro por 2m,40 de comprimento, fechado nas extremidades por duas calotes também de aço, numa das quais se vê (fig. 33) ao meio uma abertura oval fechada por uma porta charneira que se abre de fora para dentro.” Caes, L. (1934, 135)

O ar atmosférico fornecido ao mergulhador quando chega ao interior do capacete sofre também alterações devido a pressão provocada pela profundidade aumentando a densidade do ar aumentando o esforço respiratório e podendo provocar a “embriaguez das profundezas” provocada pelo aumento de nitrogênio.

Os mergulhadores estavam sujeitos a inúmeros acidentes de trabalho, para além dos acidentes inerentes à própria atividade do mergulho. Qualquer pequena alteração no seu estado de saúde, podia impedir a realização da atividade. Em 1968, o jornal “O Século” publica uma reportagem de José Salsa, sobre a inexistência de apoio social a quem exercia ou tinha exercido a atividade de mergulho profissional.

Em 1972, António Quesado Teixeira auferia um salário mensal de 21.000 escudos, montante considerado um rendimento muito elevado para a época. Para se ter uma ideia da sua proporção, o primeiro salário mínimo nacional, instituído apenas dois anos depois, em 1974, foi fixado em 3.300 escudos. Apesar do elevado salário, em caso de doença ou acidente, o mergulhador ficava sem qualquer apoio social.

O EQUIPAMENTO DE MERGULHO DA EMPRESA “SIEBE, GORMAN & COMPANY LTD.”

Augusto Siebe foi engenheiro e oficial de artilharia do Exército Prussiano. Emigrou para Londres, onde trabalhou como engenheiro de precisão. Em 1828, patenteou uma bomba de água rotativa que foi um sucesso comercial. Por volta de 1834, os irmãos Charles e John Dean, inventores de um capacete de bombeiro para proteção contra gases e fumo, solicitaram a Siebe que melhorasse o seu capacete, de modo a permitir a sua adaptação ao mergulho de profundidade. Siebe colaborou também com o jovem engenheiro inglês George Edwards na melhoria de um fato de mergulho completo e na sua ligação ao capacete através de um peitoral metálico com parafusos. Em 1839, Siebe produziu o primeiro capacete e fato de mergulho, unindo-os com um peitoral de 12 parafusos, o que teve um enorme sucesso.

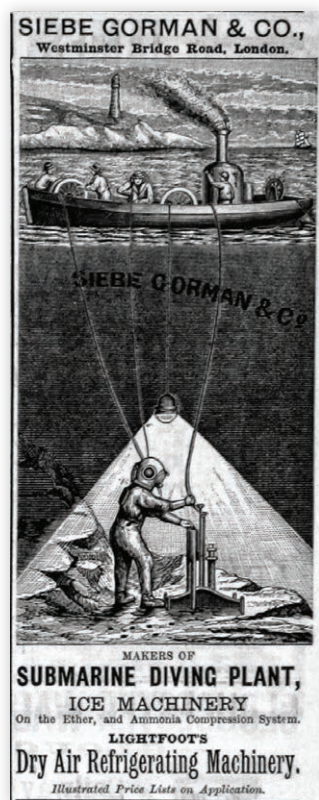
Em 1840, o equipamento foi utilizado por uma equipa de mergulho da Royal Navy liderada pelo coronel Pasley, que sugeriu melhorias para aumentar a estanqueidade e a segurança do equipamento. O coronel Pasley propôs que este fosse totalmente selado, de modo a evitar o risco de se encher de água, e que garantisse a circulação de ar no capacete e no fato.

Por este motivo, Siebe é considerado o criador do fato de mergulho em profundidade.

A empresa “A. Siebe”, especializada em engenharia subaquática, ganhou reputação por desenvolver equipamentos fiáveis e seguros. Em 1870, o filho de Augustus Henry Siebe e o gémeo William Gorman fundaram a Siebe and Gorman.

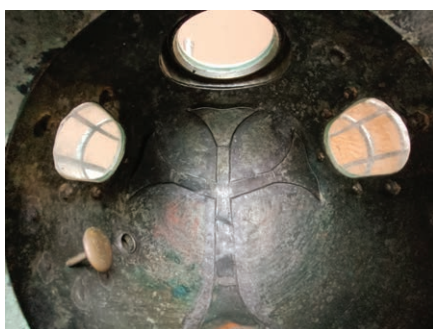
A Siebe Gorman produziu essencialmente equipamentos de mergulho, bem como outro tipo de equipamentos respiratórios, entre 1819 e 1999, num período de 180 anos.

- A. Siebe (1819-1870)
- Siebe & Gorman (1870-1879)
- Siebe Gorman & Co (1880-1904)
- Siebe Gorman & Co. Lds (1905-1998)
- Siebe Gorman and Company Limited (1819-1999) – 180 anos



Abílio, guia de mergulhador e o mergulhador António Q. Teixeira -
Foto dos herdeiros de António Quesado Teixeira

Ilustração publicitária da "Siebe, Gorman & Company Ltd." de 1888
https://www.gracesguide.co.uk/Siebe,_Gorman_and_Co



O capacete de mergulho (+ - 10 kg.)

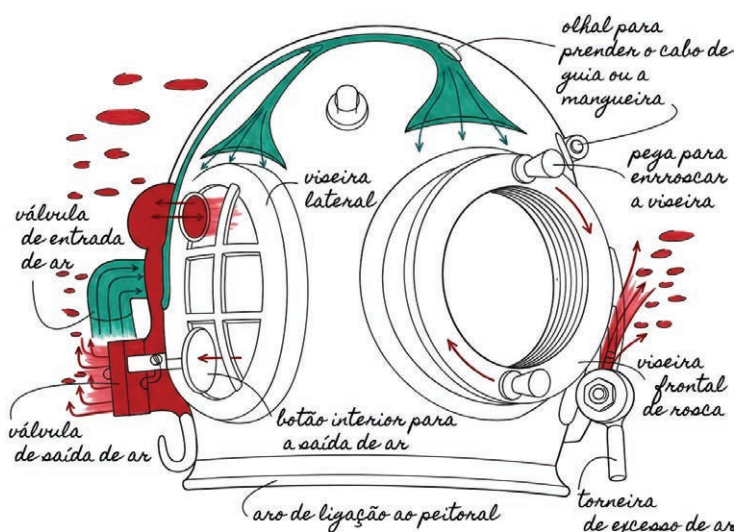
Em geral, os capacetes são de cobre, com elementos em bronze ou latão. São reforçados internamente.

Normalmente, têm três viseiras: uma frontal com rosca ou charneira e duas viseiras laterais, protegidas com grades.

O capacete pode também ter uma viseira no topo, permitindo ao mergulhador olhar para cima.

Dispõem de:

- uma válvula de entrada de ar que distribui o ar por três canais, direcionando-o para as viseiras e evitando que estas embaciem com a respiração;
- uma válvula de saída para controlar a saída de ar;
- uma torneira de excesso de ar para situações de emergência. O capacete em exposição tem a particularidade de possuir um botão interno que, quando ativado com a cabeça, permite regular a saída de ar.



À esquerda, pormenor do interior do capacete, onde se observam os canais de entrada de ar direcionados para as viseiras, de modo a impedir o seu embaciamento. À direita, ilustração explicativa do capacete – Foto e ilustração: Hugo Lopes



Abílio, guia de mergulhador e os mergulhadores António Q. Teixeira e David Teixeira
- Foto dos herdeiros de António Quesado Teixeira

Os pesos (+ - 18kg. cada)

Os pesos, também chamados medalhas, são geralmente feitos de chumbo e são colocados tanto no peito como nas costas, ajudando o mergulhador a compensar a flutuabilidade.

O Guia de mergulhador

O guia de mergulhador é responsável pela segurança do mergulhador, controlando os seus movimentos dentro de água, através da mangueira de ar, do cabo guia e das bolhas de ar libertadas pelo mergulhador. A comunicação¹ é feita através de puxões do cabo guia e da mangueira. É necessário saber interpretar os sinais de direção, auxílio, fornecimento de ar, entre outros. É essencial prestar atenção permanente aos manómetros de volume de ar existentes na bomba.

O fato (+ - 8 kg.)

O fato de mergulho é geralmente constituído por uma camada interior de sarja, uma camada intermédia de borracha e uma camada exterior, igualmente de sarja, reforçada em pontos suscetíveis de desgaste, como os joelhos. A gola e os punhos são também reforçados com camadas extra de borracha, de modo a manter a estanquidade. Além do fato, o mergulhador veste roupa interior de lã, nomeadamente uma camisola, ceroulas e meias. A lã é um excelente isolante térmico, permitindo manter a temperatura corporal e absorver o suor. São acrescentadas mais camadas de roupa quando a temperatura da água é muito fria.

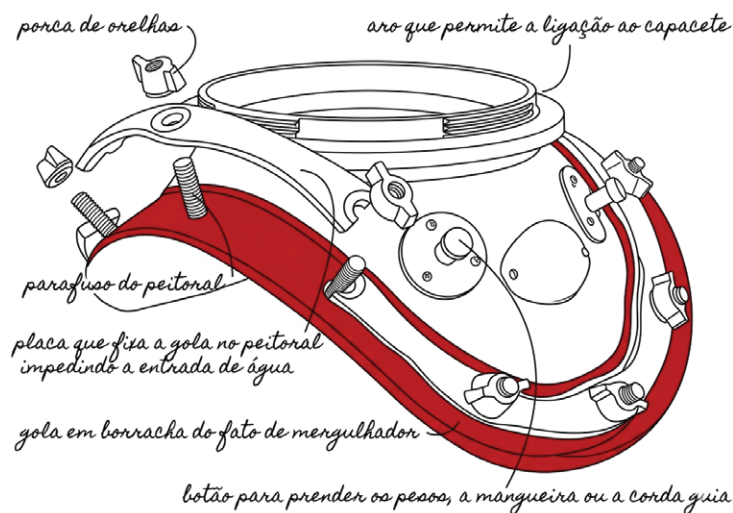
O peitoral (romeira) (+ - 10 kg.)

O peitoral (romeira) cumpre a função de unir o fato ao capacete. O fato possui uma gola de borracha com furos que entram nos parafusos do peitoral. Sobre a gola, são colocadas “braçadeiras” metálicas, que se ligam umas às outras. Em seguida, são apertadas com porcas, utilizando uma chave própria, de modo a garantir a estanqueidade da ligação. O número de parafusos e respetivas porcas varia consoante o modelo e o fabricante. O peitoral em exposição tem doze parafusos e quatro “braçadeiras” e a particularidade de ter sido banhado em estanho, o que lhe confere uma aparência prateada pouco comum.

¹ A comunicação podia ser feita através de um sistema telefónico, para o qual existia um cabo de ligação a um capacete específico. O equipamento apresentado na ilustração portuguesa de 1910, já utilizava esta tecnologia.



À direita, ilustração explicativa do peitoral. À esquerda, as “braçadeiras” com a respetiva numeração e número de série - Foto e ilustração: Hugo Lopes



Abílio, guia de mergulhador, e os mergulhadores António Q. Teixeira e David Teixeira, bem como os homens responsáveis pelo funcionamento da bomba, que se encontram em primeiro plano, à direita - Foto dos herdeiros de António Quesado Teixeira

O cabo guia

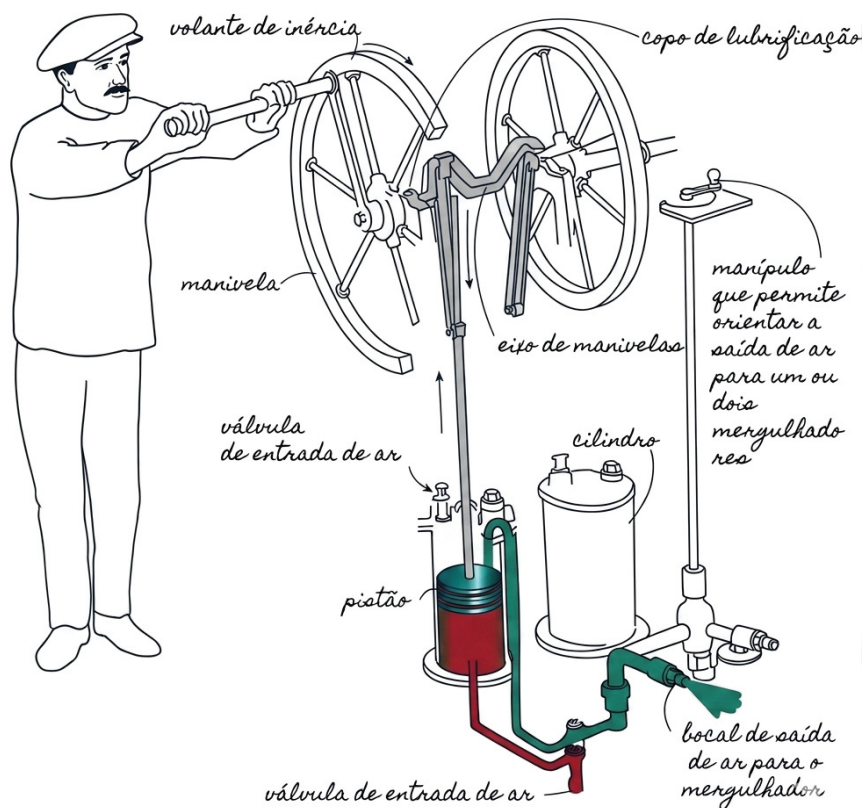
Cabo, preso à cintura, que garante a segurança do mergulhador e permite o seu resgate, serve também para comunicar através de um código de puxões, por exemplo: 1 puxão, significa: “Estou bem”.

A mangueira

A mangueira, em borracha, conduz o ar da bomba ao capacete do mergulhador. Serve também para comunicar através de um código de puxões, por exemplo: 2 puxões, significa: “Mais ar”.

As botas (+ - 8 kg. cada)

As botas cumprem a função de manter o mergulhador numa posição vertical e permitir-lhe andar sobre superfícies submersas. Geralmente são de couro, com palmilhas de madeira, solas de chumbo e biqueiras de bronze, e são apertadas com cordões e fivelas.



A ilustração explicativa mostra uma bomba de mergulho de dois pistões, projetada para ser utilizada por dois mergulhadores ou, numa situação de maior profundidade, por apenas um mergulhador

– Ilustração: Hugo Lopes



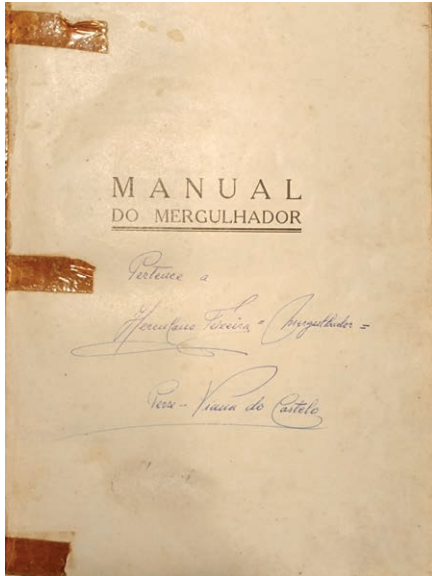
As bombas

As bombas de ar destinavam-se a fornecer ar comprimido aos mergulhadores. Eram bastante seguras e podiam ser utilizadas em embarcações de pequena dimensão. As bombas rotativas são acionadas por manivelas. Possuem volantes de inércia, que asseguram o movimento regular e constante.

O movimento rotativo passa a vertical devido a um eixo de manivelas.

O movimento de subida e descida vai acionar os pistões que se encontram dentro dos cilindros. O ar é captado durante a subida e a descida. É depois dirigido para um bocal de saída, no qual se liga a mangueria.

A refrigeração dos cilindros era feita com água e a lubrificação dos vários elementos da bomba era feita com azeite, segundo a recomendação do “Manual de Mergulhador”, de 1934.



“Manual do Mergulhador” de Herculano Teixeira, pormenor do livro de Luiz Joaquim do Caes (Ministério da Marinha, Imprensa da Armada, Lisboa, 1934) - Documento dos herdeiros de Herculano Teixeira

O LIVRO

Livro “Manual do Mergulhador” da autoria de Luiz Joaquim do Caes (Capitão – Tenente) editado pelo Ministério da Marinha e impresso pela Imprensa da Armada, em Lisboa. Livro de capas duras com o pormenor de, na capa, ter colada uma fotografia de uma ação de mergulho da Marinha.

No interior, agradecimento do autor, ao administrador delegado da empresa inglesa Siebe Gorman & Co. Lds, pela utilização de gravuras dos seus catálogos e do texto do manual da empresa, que serviu de base à criação do livro.



O RESTAURO

Bomba, capacete, botas – intervenção do conservador/restaurador Filipe Freitas (Museu de Artes Decorativas – CMVC) com o auxílio de Gualter Costa (Divisão de Equipamentos, Telecomunicações e Energias - CMVC) uma primeira intervenção no ano de 2021 que consistiu basicamente na limpeza, remoção de oxidação, substituição de madeiras podres e danificadas, aplicação de ceras. O equipamento seria depois exposto na Porta do Atlântico - Observatório do Litoral Norte, localizada na Praia Norte. É efetuada uma segunda intervenção no ano de 2024, de forma a garantir as condições necessárias de conservação e restauro para a integração dos equipamentos na exposição “Os Teixeiras – História de uma família de Mergulhadores” no Museu Virtual da Memória Marítima, Centro de Mar (ré do Navio-Hospital Gil Eannes).



Imagens de registo da intervenção de conservação e restauro, capacete, peitoral e romeira e bomba de um cilindro – Foto Filipe Freitas - 2021



Foto das obras no Porto de Viana em 1934, pormenor de descida de mergulhador – Arquivo da Marinha



Viana do Castel, janeiro de 1934, no canal, junto às portas da eclusa – Arquivo fotográfico da APDL, S.A.



Foto da família Teixeira na inauguração da exposição “Os Teixeiras – História de uma família de Mergulhadores” 26/07/2025 – Foto Centro de Mar

BREVES APONTAMENTOS SOBRE O MERGULHO CLÁSSICO EM VIANA DO CASTELO

No Arquivo Distrital de Viana do Castelo, é possível encontrar alguma informação relacionada com o mergulho clássico. Em 1887, surgem registos referentes à compra de equipamento de mergulho inglês à firma Dch. Matth.s Feuerheerd Jr. & Co., no Porto.

Através de uma doação de processo ordinário, ficamos a saber que, em 1881, José Ribeiro Taborda, residente na cidade de Viana do Castelo, participou na operação de salvamento do navio francês “Octave Marie”, que naufragou na “Praia Sul” desta cidade.

No testamento de João de Sousa, de 1897, é referido que este exerceu as profissões de pedreiro e mergulhador.

Em 1902, surge um documento relativo à aquisição de dois escafandros do tipo inglês para mergulhadores, destinados a serem utilizados na doca de Viana. Três anos mais tarde, em 1905, surge outro pedido de aquisição de um fato de mergulho do “sistema inglês” e de 25 a 30 metros de mangueira de borracha.

No âmbito das obras no Porto de Viana, existe um relatório de 1934, disponibilizado pelo Arquivo da Marinha, que descreve o trabalho e o equipamento utilizados pelos mergulhadores.

Apesar da dificuldade em encontrar informação sobre o assunto, a “lista dos mergulhadores e guias de mergulhadores inscritos nas diversas capitânias” permite-nos constatar que Viana do Castelo tinha 10 mergulhadores de 2.^a classe e 6 guias de mergulhadores inscritos. Para termos uma ideia da realidade nacional, Lisboa tinha inscritos dois mergulhadores de primeira classe, quatro de terceira classe e três guias de mergulhadores.

Na lista consta o nome de José Francisco de Barros, natural de Vila Nova de Anha, mais conhecido por “Castanho”, que se tornou mergulhador da Junta Autónoma de Portos, tendo-se reformado em 1979, aos 70 anos de idade, e sido substituído pelo filho, Manuel Barros, que faleceu em 2025.

Segundo Sílvia Francisco Barros, bisneta de José Francisco Barros, “foi em Viana que se formaram muitos mergulhadores a nível nacional, incluindo vários anhenses”.

Manifesto a minha enorme gratidão a todos os que colaboraram neste pequeno artigo, em especial aos elementos da família Teixeira, que generosamente partilharam o seu património e as suas memórias. Tenho a certeza de que muito ficará ainda por contar. Da minha parte, farei tudo o que estiver ao meu alcance para que a história destes homens não caia no esquecimento. É importante que esta atividade continue a inspirar as novas gerações de mergulhadores profissionais de profundidade. Trata-se de uma atividade fundamental para a exploração da economia azul, nomeadamente em plataformas marítimas, comunicações submarinas, gasodutos, oleodutos e na indústria naval.

Hugo Lopes

